

Reflexões sobre a polissemia conotativa de *vous sentez le fauve*
(Genet) e sobre sua tradução em português /
*Réflexions sur la polysémie connotative de « vous sentez le
fauve » (Genet) et sur sa traduction en portugais*

Daniele Azambuja de Borba Cunha*

Professora de FLE do Colégio de Aplicação da UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil), onde realiza pesquisa sobre a literatura na aula de FLE e sobre as dificuldades de compreensão e/ou de tradução do francês em português.

 <https://orcid.org/0000-0002-3368-5304>

Robert Ponge*

Professor titular aposentado do Instituto de Letras da UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil), professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade, onde ensina literatura francesa e tradução.

 <http://orcid.org/0000-0002-1078-8212>

Recebido em: 03 set. 2021. Aprovado em: 18 nov. 2021.

Como citar este artigo:

CUNHA, Daniele Azambuja de Borba. PONGE, Robert. Reflexões sobre a polissemia conotativa de *vous sentez le fauve* (Genet) e sobre sua tradução em português. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. Especial, p. 39-59, nov. 2021.

RESUMO

Este artigo foi redigido no âmbito do projeto de pesquisa sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês para o português do Brasil realizado na UFRGS. Apresenta uma reflexão sobre *vous sentez le fauve*, expressão que encontramos durante a tradução da peça *Les Bonnes* (1947), de Jean Genet, que fizemos por ocasião de um mestrado em literatura francesa. Começamos explicando os objetivos de nosso projeto de pesquisa; em seguida expomos as noções de conotação e polissemia, duas propriedades da língua que são características importantes do sintagma em questão. Depois, apresentamos o enredo de *Les Bonnes* e destacamos alguns elementos da peça que contribuem para a análise da expressão que estudamos aqui. Após essa contextualização,

*

 daniele.cunha@gmail.com

*

 r.ponge@ufrgs.br

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v10i0.2197>

analisamos a palavra *fauve* e a expressão *vous sentez le fauve*, o semantismo de cada uma e como traduzir a expressão em questão. Finalmente, propomos uma tradução e esboçamos alguns elementos de conclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de compreensão e/ou tradução; Conotação; Polissemia; Jean Genet; *Les Bonnes*.

RÉSUMÉ

Cet article a été rédigé dans le cadre des travaux de recherche sur les difficultés de compréhension et/ou de traduction du français en portugais du Brésil réalisés à l'UFRGS. Il présente une réflexion sur « vous sentez le fauve », expression rencontrée pendant la traduction des *Bonnes* (1947, pièce de Jean Genet), que nous avons faite à l'occasion d'un master en littérature française. Nous commençons par expliquer les objectifs de notre laboratoire de recherche ; ensuite nous exposons les notions de connotation et de polysémie. Ces deux propriétés de la langue sont des caractéristiques importantes du syntagme en question. Puis, nous présentons l'action des *Bonnes* et nous signalons quelques éléments de la pièce qui contribuent à l'analyse de l'expression que nous y étudions. Après cette contextualisation, nous analysons le mot « fauve » et l'expression « vous sentez le fauve », le sémantisme de chacun et comment traduire l'expression en question. Finalement, nous proposons une traduction et ébauchons quelques éléments de conclusion.

MOTS-CLES : Difficultés de compréhension et/ou de traduction; Connotation; Polysémie; Jean Genet; *Les Bonnes*.

À querida amiga Gabriela Jardim da Silva, docente cujo trabalho admiramos, parceira dedicada e habilidosa de pesquisa e traduções.

1 Introdução¹

Este artigo origina-se nos trabalhos de pesquisa efetuados na UFRGS sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês em português do Brasil. Objetiva apresentar uma reflexão sobre uma das dificuldades com as quais nos confrontamos quando da tradução de dois excertos de *Les Bonnes* (GENET, 1947), realizada durante um mestrado em literatura francesa sobre a peça de Jean Genet e retomada recentemente. O processo de tradução nos permitiu identificar algumas dificuldades de compreensão e tradução que classificamos em sete categorias: polissemia, homonímia, conotação, locução, estrutura diferente nas duas línguas, pronúncia e forma das palavras.

Posteriormente, essas dificuldades tornaram-se objeto de nossos estudos no âmbito de nosso projeto de pesquisa. Em um trabalho anterior, nos debruçamos sobre os homônimos *bonne* (adjetivo) e *bonne* (substantivo); em um outro, sobre a polissemia e os usos conotativos do sintagma *fais ta biche*. No presente artigo, nos atemos a uma expressão, *vous sentez le fauve*, em que a polissemia, a dimensão conotativa e o caráter idiomático constituem obstáculos (ou ao menos dificuldades) para a tradução. Para enriquecer nossa reflexão, analisamos o mesmo excerto em duas traduções da peça em português, uma feita em Portugal, de Luísa

¹ Traduzido do francês por Daniele Cunha e Robert Ponge.



<http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v10i0.2197>

Netto Jorge (GENET, 1972), e a outra, brasileira, de Francisco Pontes de Paula Lima (GENET, 1974).

Antes de passar a Genet e a *Les Bonnes*, talvez seja útil fornecer uma definição (necessariamente sucinta) da tradução. Para fazê-lo, partimos, *entre outros*, de Jakobson (“a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”, 1970, p. 80) e de Dubois *et alii* (“Traduzir é enunciar em uma outra língua (ou língua-alvo) o que foi enunciado em uma língua-fonte, conservando”, ou melhor, buscando conservar “as equivalências semânticas e estilísticas”, 2002, p. 487), assim como de Mounin (que explicita que as equivalências em língua-alvo visam a “sugerir o mesmo conteúdo vivido expressivo, afetivo, intelectual e cultural – ou o equivalente mais aproximado desse conteúdo”, 1972, p. 379). O que Umberto Eco resume em cinco palavras: *Dire quasi la stessa cosa* (2003), cujo título francês é *Dire presque la même chose* (2007), o título da edição brasileira sendo *Quase a mesma coisa* (2007).

Após uma breve exposição da finalidade de nossa pesquisa, nos debruçamos sobre os conceitos de polissemia e conotação. Em seguida, apresentamos rapidamente Genet e *Les Bonnes*. Depois, nos dedicamos ao exame da expressão *vous sentez le fauve*, de seus sentidos e sua tradução. Terminamos com alguns elementos de síntese.

2 Os objetivos de nossa pesquisa sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês

Nossas atividades de pesquisa têm dois objetivos principais, um teórico e o outro prático. O objetivo teórico compreende o estudo dos *tipos* de dificuldades de compreensão e/ou tradução bem como sua classificação (elaboração de uma tipologia). Entre os estudos específicos efetuados em nosso grupo de pesquisa, podemos citar aqueles sobre falsos amigos (DIAS, 2007), sobre polissemia e homonímia (CUNHA, 2008), sobre expressões idiomáticas (SILVA, 2009) e sobre sentidos figurados (STANGHERLIN, 2018).

O objetivo prático consiste na produção de um glossário das dificuldades *concretas* que o francês causa frequentemente aos lusófonos brasileiros em sua prática dessa língua. Para isso, inicialmente cotejamos três pequenos dicionários de dificuldades publicados no Brasil. Esse cotejamento crítico forneceu uma lista inicial de verbetes para o glossário e contribuiu para a nossa reflexão relativamente à elaboração de uma microestrutura dos verbetes que fosse clara,



útil e didática. A essa lista preliminar, acrescentamos palavras, expressões e construções encontradas na nossa prática de professores de FLE e de tradutores. No intuito de elaborar os verbetes de nosso glossário, estudamos o(s) sentido(s) de cada palavra em dicionários da língua francesa; depois redigimos uma versão provisória do verbete (com ajuda, quando necessário, de dicionários da língua portuguesa); em seguida, essa versão provisória é analisada pelo grupo de pesquisa, as contribuições deste sendo utilizadas no aperfeiçoamento da versão final do verbete (para mais detalhes sobre os objetivos e as atividades do projeto de pesquisa, ver NASCIMENTO & PONGE, 2020).

3 A conotação e a polissemia

Nesta seção, explicamos brevemente os conceitos de conotação e polissemia. Indicamos igualmente por que esses dois fenômenos podem causar dificuldades de compreensão e/ou tradução.

Para delimitar o conceito de conotação, consultamos dicionários da língua francesa e de linguística. Constatamos que, em geral, ela é definida em oposição à denotação. Seguimos o mesmo caminho.

O *Petit Robert* define a denotação como “o elemento invariável e não subjetivo de significação” (ROBERT, 2009). No mesmo sentido, o *Dictionnaire de l'Académie française* a define como “o elemento estável e objetivo contido no conceito de uma palavra e que permite aplicar essa palavra a um objeto” (DAF9). O *Dictionnaire de linguistique* de Jean Dubois *et alii* acrescenta que ela é “analisável fora do discurso” e é “objeto do consenso da comunidade linguística” (DUBOIS, 2002, p. 111). Essas duas precisões ajudam a compreender melhor o que quer dizer “elemento estável” (ou “invariável” ou “não subjetivo” ou “objetivo”) da significação de uma palavra: trata-se do sentido mais conhecido (ou reconhecido) por uma comunidade linguística. O *Dictionnaire de la linguistique* de Georges Mounin expressa de forma interessante essa relação entre a forma linguística e seu conteúdo: “A denotação é, portanto, esse aspecto do sentido que implica que saíamos da língua em si para ligá-la ao mundo” (MOUNIN, 1974, p. 80). Um bom exemplo de denotação é a palavra “ferro” que, em seu sentido primeiro (denotativo), remete a um metal, mas “pode conotar, em certos empregos, a solidez, a violência, o cativo etc.” (DAF9). O sentido denotativo de “ferro” (“metal”) é aquele que é compreensível fora do



discurso: é compreendido sem necessidade de interpretá-lo subjetivamente a partir de seu contexto de utilização.

No que concerne à conotação, o *Petit Robert* postula que ela é o “sentido particular de uma palavra, de um enunciado que se soma ao sentido ordinário segundo a situação ou o contexto” (ROBERT, 2009); o TLFi indica que se trata da “significação afetiva de um termo que não é comum a todos os comunicantes e se acrescenta aos elementos permanentes do sentido de uma palavra (denotação)” (TLFi, 1994). Um exemplo do dicionário de Dubois *et alii* expõe bem as diferenças entre a denotação e a conotação: a palavra *rouge* (vermelho) indica uma cor (sentido denotativo), um perigo (sentido conotativo reconhecido por qualquer locutor francês) e uma conotação política que “não será idêntica para toda e qualquer coletividade francófona” (toda a coletividade reconhece que há uma conotação política nessa palavra, mas a interpreta de forma diferente) (DUBOIS, 2002, p. 111).

Mas um sentido conotativo não necessita de legitimação por uma comunidade linguística, ele pode ser até mesmo individual, como explica o dicionário de Dubois *et alii*:

As conotações podem estar ligadas à experiência da comunidade linguística inteira (como no caso anterior) ou até àquela de um grupo particular (por ex., as palavras *agricultor* e *camponês* não são sentidas em todo lugar da mesma maneira), ou ainda àquela de um indivíduo; por isso se fala de sentido afetivo ou emotivo, de conteúdo emocional. (DUBOIS, 2002, p. 111)

Assim, o sentido conotativo 1) não é o sentido primeiro; 2) mantém uma relação com o contexto de utilização da palavra; 3) possui um caráter que pode ser subjetivo.

Ao contrário da conotação, a polissemia é mais fácil de delimitar e definir: trata-se da pluralidade de sentidos que possui uma mesma palavra. Por exemplo, *maison* (em português, “casa”) pode significar lugar de habitação, estabelecimento comercial, descendência de uma família nobre etc. Para um estudo mais detalhado desse fenômeno, remetemos a um trabalho (CUNHA, 2008) em que estudamos essa propriedade das línguas no âmbito de nossa pesquisa sobre as dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês em português.

Quando a conotação e a polissemia se tornam obstáculos à compreensão e/ou à tradução?

Para a compreensão e a tradução de uma palavra de uma língua estrangeira cujo sentido é obscuro, primeiro é preciso descobrir seu (ou seus) sentido(s) na língua de partida e, caso se trate de tradução, saber como expressá-lo na língua-alvo. Em consequência das limitações de seu conhecimento da língua estrangeira (aqui, para nós, o francês), o destinatário

alófono (não francófono) pode não se dar conta de que uma palavra possui sentidos outros que aquele (ou aqueles) que ele conhece. Ele corre o risco, portanto, de compreender erroneamente uma palavra, uma expressão ou uma construção da língua estrangeira. O perigo é maior quando se trata de um uso conotativo, com nuances. Lembremos que, se a conotação é geralmente compreendida em uma comunidade linguística, ela pode algumas vezes ser individual.

4 *Les Bonnes*

A obra de Genet é marcada pela presença de personagens que são oprimidos, rejeitados ou rebaixados pela sociedade, figuras cujas principais virtudes são justamente as características que motivam sua exclusão ou que decorrem de sua inferioridade social.

Les Bonnes desenrola-se no dormitório de uma moradia burguesa. Somente três personagens aparecem em cena: Madame (em cujo quarto se situa a ação da peça) e suas duas criadas, as irmãs Claire e Solange. Estas, ao mesmo tempo, amam e odeiam sua patroa: por um lado, Madame representa o que elas desejam para si, pois ela tem uma boa vida, usa belos vestidos, belas joias, é livre para fazer o que quiser. Por outro, Claire e Solange a detestam porque ela possui tudo o que elas não podem ter e porque ela é o que elas não podem ser. Elas moram com Madame, são responsáveis pelas tarefas domésticas, vivem no meio dos objetos, das roupas, dos bens de Madame; são, portanto, todo tempo confrontadas com o que desejam ser e ter e não podem, no entanto, obter por causa de sua condição social inferior.

A ação de *Les Bonnes* se passa em uma noite na qual elas estão sozinhas (Madame saiu). As duas irmãs aproveitam para realizar sua habitual encenação, que chamam de sua *cerimônia* (GENET, 1947, p. 37): Claire, vestida como Madame, é servida por Solange (que faz o papel da empregada, mas utilizando o nome de “Claire”). Nessa encenação, Madame (a Madame interpretada por Claire) apresenta um comportamento de desprezo e, até mesmo, de repugnância por sua empregada, diferentemente daquele que a personagem de Madame mostrará quando aparecer em cena. A cerimônia representada por Claire e Solange deveria terminar com o assassinato de Madame, mas é interrompida pela chegada desta. Da mesma forma, fora da encenação, as duas irmãs desejam matar sua patroa, mas não conseguem jamais executar seu plano.



A língua é um aspecto essencial da criação da atmosfera tensa da peça e para expressar a relação ambivalente entre as três personagens. Genet trabalhou a língua com zelo, criou jogos de palavras, expressões, jogou com o vocabulário, a polissemia, a homonímia e a conotação. Vejamos alguns exemplos.

O primeiro é o vocabulário do campo semântico dos animais. Além de *fauve*, encontramos outras seis ocorrências: *biche* (“corça”, GENET, 1947, p. 16), *aboient*, (“latido”, p. 41), *araignée* (“aranha”, p. 57), *hennir* (“relinchar”, p. 99), *tourterelle* (“pomba-rola”, p. 102), *poule* (“galinha”, p. 107). Com exceção de *tourterelle*, todos os outros termos são associados às duas empregadas e são elas próprias quem os utiliza em relação a si. A autocomparação das empregadas a animais merece ser estudada, e pretendemos fazê-lo em um trabalho futuro.

O segundo exemplo é o uso que as três personagens fazem dos pronomes pessoais: Madame trata suas empregadas por *tu*², enquanto Claire e Solange a tratam por *vous*. Quando estão sozinhas, as duas irmãs se tratam por *tu*, mas, na presença de Madame, elas utilizam *vous*. Na sua encenação, aquela que faz o papel da empregada trata a outra por *vous*, ao passo que aquela que faz o papel de Madame alterna as duas formas, *tu* e *vous*, para se dirigir à outra. A diversidade de usos desses pronomes tem a função de tornar evidentes as diferenças entre as personagens em relação ao lugar que ocupam na hierarquia social e de chamar a atenção para a relação de autoridade e de subordinação que existe entre elas.

No que toca precisamente ao nível de língua usado pelas duas empregadas, ele é geralmente padrão, corrente e pode variar ligeiramente: ser algumas vezes informal, algumas vezes marcado por um sotaque interiorano ou pelas emoções (angústia, raiva, admiração, medo etc.), mas nunca é vulgar ou gírioso. Claire e Solange são de origem simples, modesta, mas sua linguagem indica que elas têm uma certa distinção.

5 Fauve

² Em francês, o uso dos pronomes *tu* e *vous* pode expressar relações de respeito e/ou intimidade e/ou hierarquia entre as pessoas, sendo *tu* aquele que denota proximidade, intimidade entre os locutores ou posição hierárquica ou etária inferior do destinatário, enquanto *vous* marca distância, formalidade ou posição hierárquica ou etária superior do destinatário. Neste artigo, mantivemos os pronomes em francês, pois sua tradução no contexto da peça e no âmbito de nossas pesquisas sobre dificuldades de compreensão e/ou tradução exigiria que comentássemos nossas decisões, o que fugiria ao escopo deste trabalho.

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v10i0.2197>

Na peça, essa palavra aparece em uma expressão utilizada em uma conversa entre Claire e Solange durante sua encenação no quarto de Madame. Claire, fazendo o papel da patroa, repreende Solange, que, no papel da empregada, veste sua irmã com um vestido:

Évitez de me frôler. Reculez-vous. Vous sentez le fauve. De quelle infecte soupente où la nuit les valets vous visitent rapportez-vous ces odeurs ? La soupente ! La chambre des bonnes ! La mansarde ! [...] C'est pour mémoire que je parle de l'odeur des mansardes, Claire. (GENET, 1947, p. 22)

Ou seja, em português, algo como:

Evite encostar em mim. Recue. *Vous sentez le fauve*. De que infecto desvão, onde à noite os lacaios a visitam, você traz esses cheiros? O desvão! O quarto das criadas! A mansarda! [...] É só para constar que falo do cheiro das mansardas, Claire. (GENET, 1947, p. 22, tradução nossa).

Sentir le fauve: do que se trata? O contexto indica que o odor em questão incomoda Madame. Entretanto, para poder traduzir corretamente esse conjunto de palavras, é preciso primeiro entender, tão exatamente quanto possível, o sentido em que é empregado na peça de Genet. Para isso, começamos com um estudo do semantismo de *fauve* em francês moderno, limitando-nos aos sentidos relacionados com seu uso em *Les Bonnes*.

6 O que significam *fauve*, *odeur fauve* e *sentir le fauve*?

Em todos os dicionários de francês consultados, o sentido primeiro do adjetivo *fauve* remete a uma cor “ocre alaranjada, cor de fogo ou castanho avermelhado” (TLFi, 1994) ou amarelo “puxando para o ruivo” (DAF8, 1935; DAF9, 1992; ROBERT, 2009; LAROUSSE, 2020).

Do adjetivo originou-se o sintagma nominal *bête fauve* e, deste, elipticamente, o substantivo *fauve*; ambos designam, por extensão, os animais selvagens de cor parcial ou totalmente *fauve* e particularmente os felinos de grande porte (por exemplo, leão, tigre, pantera). Dois dicionários assinalam que a unidade lexical substantiva *bête fauve* (ou, por abreviação, o substantivo *fauve*) também adquiriu, por extensão, o sentido de animal selvagem (independentemente da cor da pelagem) e, entre eles, de *bête féroce* (TLFi, 1994), de “animal feroz ou temível em geral” (LAROUSSE, 2020). Também mencionam as utilizações da palavra em sentido figurado para fazer referência, ao se falar de uma pessoa, “à sua aparência exterior, ao seu comportamento” (TLFi, 1994). Sobre isso e entre outros exemplos, podemos citar a

expressão idiomática *tourner comme une bête fauve en cage*, *tourner comme un fauve en cage* (TLFi, 1994) e evocar empregos em que *fauve* é uma “pessoa difícil de afrontar”, esta podendo ser uma “criança insuportável” ou alunos (*Le professeur se retrouvait face à ses fauves*, LAROUSSE, 2020) ou, vice-versa, um examinador (TLFi, 1994).

Abramos um parêntese relativo à língua portuguesa: o adjetivo “fulvo” (sósia de *fauve*) designa a mesma cor (HOUAISS, 2009; AURÉLIO, 2010) que o adjetivo francês – aqui, coincidência semântica entre as duas palavras. Contudo, diferentemente do francês, a língua portuguesa não possui substantivo equivalente ao nome *fauve*, o qual, em francês, tem o sentido de animal selvagem, feroz, temível, de besta feroz (ver acima) – aqui, não há coincidência semântica.

Passemos a *Vous sentez le fauve* (GENET, 1947, p. 22). O sintagma *odeur de fauve* (ou *odeur fauve*) é corrente; três dicionários o definem como um cheiro “forte e animal” (TLFi, 1994; ROBERT, 2009) ou um “odor animal forte e acre” (LAROUSSE, 2020). Em dois dos três (TLFi, 1994; LAROUSSE, 2020), encontra-se *sentir le fauve* com o estatuto de *expressão ou locução idiomática* (SILVA, 2009) que significa “emanar” o cheiro dos animais *fauves* ou um odor evocando aquele dos *fauves*, ou seja, o *odeur fauve* (ver acima). O TLFi informa que essa expressão pode significar “cheirar mal”, mas fornece também três exemplos excelentemente representativos do amplo leque de conotações que podem ser atribuídas ao cheiro *fauve* pelo contexto, já que um dos exemplos conota o fedor (*Une peau de renard efflanquée, qui vous lançait en plein visage sa puanteur violente et fauve*), enquanto um outro refere *un fumet de fauve, pénétrant et chaud* que não é “desagradável”, e o terceiro remete a um odor feminino, atraente, sensual (*Son odeur fauve et délicate [d’une femme], à la fois propre et sauvage, rayonnait [...]*, TLFi, 1994).

Busquemos agora compreender...

7 O sentido do emprego de *vous sentez le fauve* na peça

Lembremos primeiro que, na sua encenação, Claire encarna a personagem de Madame (sua patroa) e Solange interpreta uma personagem de empregada. Vejamos isso de mais perto. Na referida encenação, a Madame interpretada por Claire reproduz em grande parte o comportamento da patroa em relação a elas, mas Claire acrescenta à sua representação falas

que fazem com que Madame diga em voz alta os pensamentos que ela e sua irmã lhe atribuem a respeito delas: a Madame de Claire despreza sua empregada, a ofende, a esmaga com sua superioridade, a humilha destacando o abismo que as separa. Além disso, a personagem de empregada representada por Solange não é nem ela mesma (Solange) nem sua irmã (Claire), mas uma síntese das duas ao mesmo tempo que uma figura simbólica da condição das empregadas, uma representação d'A Criada. Na peça, há, portanto, duas Madame e duas Solange. Duas Madame: a personagem que vai entrar em cena um pouco adiante na peça e a Madame de Claire, aquela que Claire encarna na encenação delas. Duas Solange: a personagem que é a irmã de Claire e empregada de Madame, e a Solange que encarna A Criada na encenação das duas. Após essas precisões necessárias, vamos, em consequência, para haver mais clareza e evitar riscos de confusão, dar um nome específico a cada uma das duas personagens da referida encenação: a Madame de Claire será Madame(-Cl.); o outro papel, encarnado por Solange, será A Criada.

Voltemos agora à locução *sentir le fauve* e à busca do sentido de seu emprego. A Criada veste Madame(-Cl.). Esta manifesta a repugnância que lhe inspira o contato físico com sua empregada: *Évitez de me frôler. Reculez-vous* (“Evite encostar em mim. Recue”). Ela justifica sua repulsa pelo mau cheiro que, segundo ela, emana daquela: *Vous sentez le fauve*. Que origem lhe atribui? Ele provém, segundo ela, do quarto que as duas empregadas dividem, é o “odor” característico “das mansardas”, “dos infectos desvãos” (onde em geral são sumariamente instalados os empregados domésticos). Além disso, Madame(-Cl.) associa esses eflúvios animais às visitas noturnas que, segundo ela, “os criados” do bairro (ou do edifício) fazem às duas empregadas em seu quarto (GENET, 1947, p. 22). Alegação que insinua dois corolários: por um lado, implica um conjunto de subentendidos pejorativos moralizantes, típicos do moralismo burguês conservador, relativos ao caráter dessas visitas (relações sexuais, licenciosidade, pecado, obscenidade etc.); por outro lado, sugere uma analogia entre os *fauves* e os empregados, paralelismo que classifica esses últimos na animalidade. O contexto situa, portanto, a locução em questão sob um prisma que é, no mínimo, da ordem do mau cheiro. Em resumo, reduzida a sua mais simples expressão, objetivamente, a informação que a frase de Madame(-Cl.) emite e transmite à Criada é “você cheira mal”.

Antes de continuar, dois comentários se impõem: o odor de *fauve* é evocado por Madame(-Cl.), mas não incomoda A Criada (talvez porque ela o aprecia ou ainda porque



Madame(-Cl.) inventou sua existência); além disso, como a expressão em questão é amplamente polissêmica, é o contexto que a desambigua, que lhe dá uma coloração, uma conotação.

Voltemos à *informação* (“você cheira mal”) que a frase de Madame(-Cl.) emite e transmite: quando da tradução em uma outra língua, será que a *locução* (*vous sentez le fauve*) deverá ser expressa por um equivalente significando exatamente *vous sentez mauvais*, até mesmo *vous empestez, vous puez*? Por exemplo, *you smell* ou *you smell bad* ou mesmo *you’re smelly*, até mesmo *you stink* em inglês. Ou, em português, “você tem mau cheiro”, “você cheira mal”, “você tem cheiro ruim”, até mesmo “você fede”? É muito tentador e parece lógico, mas, em princípio, a resposta à pergunta é: não, salvo na impossibilidade de fazer diferentemente. Isso poderá parecer paradoxal, ilógico ao leitor. Esforcemo-nos para compreender e explicar.

8 Quatro tentações

Em uma primeira aproximação, procedamos a um útil exercício de reformulação ou tradução intralingual, do francês em francês (JAKOBSON, 1970, p. 79).

Traduzir *sentir le fauve* por *sentir mauvais, puer, empester, empuantir*, até mesmo *chlinguer* não é errado, não é cometer um contrassenso, mas é o termo justo, exato?

Essas palavras ou expressões são sinônimas? Pertencem ao mesmo campo semântico e têm uma tal proximidade, que podem ser tomadas como sinônimos, mas no sentido amplo do termo. Na verdade, possuem o mesmo sentido apenas aproximada, parcial, imperfeitamente, seu semantismo não sendo idêntico, sua sinonímia não sendo completa, perfeita (“em regra geral, quem diz sinonímia não diz equivalência completa”, JAKOBSON, 1970, p. 80). Esses termos compartilham parcialmente a mesma “sinonímia denotativa” (MOUNIN, 1974, p. 317), o mesmo sentido geral (cheirar mal), mas cada um tem um valor específico, ou seja, há entre eles diferenças de intensidade, de registro, de construção sintática, de natureza lexical, de estilo, de uso, de conotação (sobre a e as sinonímia-s, as diferenças, as nuances e precisões de sentido, ver MOUNIN, op. cit.; DUBOIS, 2012, p. 465; LE FUR, 2005, p. V sq., entre outros). Esse denominador mínimo comum aos cinco termos convidava a sucumbir a diversas tentações.

Poderíamos ter caído na tentação do vocabulário muito informal, popular ou giresco (*chlinguer, cocotter, cogner, dauber, fouetter*), no entanto, tínhamos observado que Madame e

seu duplo (Madame-CI.) não utilizam esse nível de expressão. Se Genet quisesse recorrer a essas palavras, o teria feito.

Bastante real foi a tentação de utilizar *empester* ou *puer*, que significam “cheirar muito mal” (ROBERT, 2009), “exalar um odor nauseabundo” (TLFi, 1994), “exalar um odor fétido, infecto” (LAROUSSE, 2020), denotando um alto grau de odor desagradável, bem superior àquele de “cheirar mal”. São verbos de registro padrão, muito correntes, e a presença do adjetivo “infecto” no contexto encorajava a utilizá-los, convidava a aumentar o tom e carregar na dose a fim de que a tradução de *vous sentez le fauve* correspondesse à intensidade da *infecte soupente* (p. 22). Mas, se Genet quisesse que sua personagem dissesse *vous puez*, *vous empestez* ou *vous puez le fauve*, *vous empestez le fauve*, ele o teria feito. No entanto, evitou empregar um desses dois verbos.

A tentação mais forte foi de traduzir a locução como uníssona da passagem em que Madame(-CI.) faz referência às visitas noturnas dos criados da vizinhança no quarto das duas criadas: por que não traduzir *vous sentez le fauve* por *vous sentez le mâle* (“você cheira a macho”)? Muito tentador, por demais tentador, mas isso seria explicitar o não dito oculto na frase. De novo, se Genet quisesse que sua personagem o dissesse, ele o teria feito.

Quarta e última tentação: traduzir simplesmente a locução por *vous sentez mauvais* (“você cheira mal”). Isso consistiria em traduzir uma expressão idiomática por um sintagma simples e comum, transpor um sentido figurado por um sentido próprio, traduzir uma linguagem imagética, colorida, por uma linguagem apagada, sem brilho. Haveria perda estilística, expressiva, diminuição, redução, perda de relevo, imprecisão. Faz-se necessário evitar essa possibilidade, salvo em última solução, na ausência de outra alternativa.

Mas, então, como traduzir *vous sentez le fauve* do francês para o francês? Usando *odeur fauve* (precedido de: *vous avez*, *vous exhalez*, *vous dégagez une*) ou *odeur forte, âcre et animale* (paráfrase que é uma definição) ou, mais óbvia, pura e simplesmente, aceitar se restringir a *vous sentez le fauve*.

Passemos ao português. Como traduzir *vous sentez le fauve* em português do Brasil?

9 Quatro locuções brasileiras

O sintagma *‘‘cheirar a fulvo’’ ou *‘‘ter cheiro de fulvo’’ (literalmente, cheirar à cor fulva, emanar o odor de cor fulva) não existe, não é atestado em português do Brasil, onde surpreenderia, provocaria uma imensa perplexidade.

A primeira locução brasileira na qual pensamos foi ‘‘feder como um gambá’’. Literalmente, significa *puer comme un putois*; na verdade, é o equivalente brasileiro de *puer le bouc* (‘‘feder como um bode’’). Quatro objeções vieram à nossa mente: totalmente unívoca, essa locução não possui nenhuma polissemia; *puer* não é *sentir le*; um abismo separa o gambá dos animais *fauves*; se Genet quisesse que Madame(-Cl.) dissesse *vous puez le bouc*, ele o teria feito. Portanto, eliminamos ‘‘feder como um gambá’’.

Existem também as locuções ‘‘bafo de tigre’’ e ‘‘bafo de onça’’, mas o mau odor em questão é estritamente o do hálito (‘‘bafo’’), *haleine de tigre* e *haleine d’once* (sua tradução literal) correspondem mais ou menos a *haleine fétide* ou a *puer de la bouche*. Nada (ou bem pouco) a ver com *vous sentez le fauve*.

Tínhamos também pensado em ‘‘você tem cheiro de macho’’, expressão comum e compreensível no Brasil, que tem a vantagem de poder referir ao mesmo tempo a um animal e a um homem. Já explicamos por que essa tradução nos havia seduzido e por que fomos obrigados a abandoná-la. Remetemos, portanto, a nossos comentários anteriores, acima.

10 Como traduzir *sentir le...*

Na ausência de locução em português do Brasil que sirva para traduzir essa expressão, fomos em busca de um sintagma corrente. Sem sucesso. Na falta de um sintagma usual, decidimos criar um. Como?

Sentir le fauve é composta por dois elementos: um substantivo que remete a uma classe de animais (os animais selvagens de cor fulva, os de grande porte, os grandes felinos) precedido do sintagma verbal *sentir le*. Para este último e em função de tudo o que precede, inicialmente eliminamos o vocabulário que diz demais, forte demais, intenso demais: os verbos ‘‘feder’’ (*puer*), ‘‘catingar’’ (*puer, empester*), os nomes ‘‘fedor’’ (*puanteur*) e derivados, os substantivos ‘‘bodum’’ e ‘‘bedum’’ (*puanteur de bouc*), ‘‘catinga’’, ‘‘fartum’’ (*puanteur*), entre outros.



Mas, como então traduzir *sentir le*? É um sintagma usual, produtivo (*sentir le parfum, les fleurs, le jasmin, la rose, la cuisine, l'ail, le vin, l'alcool, le poisson, le moisi, le vomit, le pipi de chat, le poisson pourri, la viande pourrie* etc.). Em português, duas construções são possíveis: “cheirar a” (literalmente, *sentir le*) e “ter cheiro de” (literalmente, *avoir, exhaler, répandre une/l'odeur de*), ambas absolutamente equivalentes, intercambiáveis, sem diferença semântica pertinente, distintiva. Precisávamos escolher, escolhemos “ter cheiro de”. Ou seja, para *vous sentez le*, “você tem cheiro de...”, sem nenhum anátema de nossa parte contra “você cheira a...”.

Como expressar o elemento *fauve*?

11 Remeter a um animal? A uma família? A um coletivo de animais?

Utilizar o nome de um animal *fauve*? Três nos vieram à mente: o leão, o tigre e a onça. Em português, os três são comumente utilizados de forma figurada, por antropomorfização, para caracterizar certos comportamentos humanos: o leão pode ser um símbolo de coragem, de força, mas também de agressividade, irritabilidade, personalidade difícil e, ainda, de celebridade e, enfim, de comportamento sedutor, donjuanesco; o tigre é considerado cruel; a onça remete à feiura e à coragem (HOUAISS, 2009; AURÉLIO, 2010).

Alguma dessas acepções torna as denominações desses animais *fauves* (ou algum deles) capazes de contribuir para a tradução da locução? De modo algum. E o seu sentido literal? Qual seria a reação de um francês, de um brasileiro, de algum outro ao ler (ou ao assistir a uma representação de) *Les Bonnes* se ouvisse Madame(-Cl.) dizer à Criada: “você tem cheiro de leão” ou “de tigre”? Perplexidade; no mínimo, uma dose de dúvida. Talvez a expressão “você tem cheiro de onça” soaria melhor no Brasil (ainda mais que encontramos “tenho catinga de onça” em Guimarães Rosa, 2013, p. 114), mas (salvo por uma exacerbada vontade de tradução nacionalizante, tropicalizante) seria surpreendente ouvir uma senhora francesa, provavelmente residente em Paris, dizer à Criada que ela tem cheiro de onça (animal raramente citado) ou, em outros termos, que ela tem cheiro do leopardo-das-neves (originário da Ásia) ou da onça-pintada (sulamericana, brasileira) – dois outros nomes da onça. Exceto, evidentemente, em uma representação teatral em que a montagem situaria o apartamento de Madame em um país da Ásia ou da América do Sul. Mas então A Criada não seria instalada em uma mansarda ou sótão, típica dos edifícios franceses. Continuemos!

Utilizar o nome de uma família de animais para traduzir? A dos felinos, dos felídeos, claro. “Você tem cheiro de felino”? Há o risco de o leitor ou espectador pensar que se trata de um gato ou de vários. “Você tem cheiro de grande felino” soaria muito preciso, pedante ou faria de Madame(-Cl.) uma professora de zoologia.

Utilizar um nome coletivo? Existe em português o termo “alcateia”, que designa um bando ou grupo de lobos e, por extensão, uma tropa ou manada de animais selvagens (HOUAISS, 2009), mas “você tem cheiro de alcateia” soaria extremamente estranho e pedante: retornaríamos à professora de zoologia.

12 *Vous sentez la ménagerie*

Essas tentativas frustradas nos levaram a compreender que era errôneo nos fixarmos em um nome de animal (indivíduo, família ou coletivo), que não devíamos procurar sermos zologicamente precisos, mas sugerir o cheiro *fauve*. Como evocá-lo? Por que não recorrer a lugares onde se encontram animais *fauves*, de onde emana o odor *fauve*? Esse lugar é uma *fauverie* (“lugar onde vivem os grandes *fauves* em um jardim zoológico, em um circo”), e existe também o termo menos específico, mais usual de *ménagerie* (“lugar onde são reunidos animais raros, exóticos, seja para estudo, seja para apresentação ao público”, por exemplo uma *ménagerie de fauves*, a *ménagerie* “de um circo”, ROBERT, 2009).

Em francês, existem as expressões *odeur de ménagerie* e *sentir la ménagerie*, cujo sentido é o de exalar um odor de animal selvagem. Logo, procuramos um equivalente a *ménagerie* ou a *fauverie* em português, mas não encontramos (a língua portuguesa recorre a uma paráfrase, uma definição para mencionar esses lugares: “o setor”, “o canto”, “as jaulas”, “o edifício das feras”...). Mas, por associação de ideias, pensamos no substantivo “zoológico”, abreviação de “jardim zoológico”. Por que não “você tem cheiro de zoológico” (literalmente, *vous sentez le zoo*)? Essa expressão não é das mais usuais, mas é bem compreensível e funcionaria bem como equivalente de *vous sentez la ménagerie*. Contudo, após consultar colegas e pesquisar na Internet, observamos que ela é empregada não somente para fazer referência ao odor dos animais, mas igualmente ao odor de seus excrementos, razão pela qual optamos por não usá-la.

13 Duas traduções existentes: uma de Portugal, outra do Brasil

Não foram em vão nossas demoradas e laboriosas buscas nem as tentativas malogradas, pois permitiram eliminar várias hipóteses e melhor delinear o problema. Fomos, então, atrás de termos menos precisos, menos definidos que remetam à ideia de animal selvagem, sem, no entanto, precisar qual e que possam ser associados ao cheiro *fauve* ou sugeri-lo. As duas traduções existentes de *Les Bonnes* em português vão justamente por esse lado.

A tradução brasileira transpõe a locução francesa por “Você fede a fera” (GENET, 1974) (em francês, *vous puez la bête féroce*, *vous puez la bête sauvage*). Já explicamos por que consideramos errôneo usar “feder”. Substituamos “feder a” por “cheirar a” e examinemos “você cheira a fera” (em francês, *vous sentez la bête féroce*). Em seu sentido primeiro, segundo Houaiss (2009), “fera” designa “qualquer animal feroz, cruel, bravio”. A palavra possui também seis usos figurados conotando má educação, crueldade ou malvadeza, severidade, coragem, excelência em um campo, valentia ou bravura. Percebe-se que é um termo cujo leque de sentidos é amplo, dos mais diversos e até contraditório – o que não tem nenhuma importância para a tradução em questão. Voltemos a “você cheira a fera”: temos o sentimento de que essa solução é o resultado de uma tradução (excessivamente) literal (*fauve* = *bête féroce* = fera), que o odor *fauve* não está presente nela e que a ferocidade da fera tende a transparecer na tradução.

Na tradução portuguesa, a formulação utilizada é “[você] cheira a animal selvagem” (GENET, 1972, p. 14-15), isto é, literalmente em francês *vous sentez l’animal sauvage*. Comparada a *vous sentez le fauve*, é bastante neutra, menos sugestiva, não polissêmica, mas nos parece ir na boa direção.

14 Em busca de uma formulação que evoque o cheiro *fauve*

Na continuidade das lições que precedem, começamos a buscar menos a proximidade do (dos) animal(is) *fauve(s)* que uma formulação evocando um odor *fauve*. O que caracteriza esse odor? Ele é forte, animal e acre (TLFi, 1994; LAROUSSE, 2020), o que é uma definição,

não uma tradução, mas pode ajudar (ou não) a encontrar uma. Começamos a analisar seus três elementos e a jogar com eles.

Eliminamos “acre”: preciso demais, rebuscado demais, quase técnico. Um pequeno detalhe nos ajudou. Em vez de partir dos substantivos (“um cheiro de” + substantivo), tentamos trabalhar com adjetivos: “cheiro forte”, “cheiro animal”. Faltava a dimensão *fauve*, não os grandes *fauves*, os grandes felinos, mas sua sombra, seus eflúvios. Já havíamos eliminado o emprego dos termos “felino” e “grande felino” (ver acima). Pensamos no adjetivo “selvagem”. Por bastante tempo hesitamos entre “cheiro animal” e “cheiro selvagem”, dois sintagmas atestados em português e que não são raros. Pensamos em inserir, antes dos dois adjetivos, “cheiro forte”: “cheiro forte, animal” ou “cheiro forte, selvagem”.

Uma questão nos preocupava: o sintagma “cheiro selvagem” é usado na publicidade para dar aos perfumes uma dose de tonicidade, de exotismo. Será que isso não poderia contaminar a leitura e a compreensão do leitor? Em função disso, tendemos a eliminar “cheiro selvagem” e manter “cheiro animal”. Mas o adjetivo “animal”, sem outra precisão, poderia ser relativo a qualquer animal (de estimação, doméstico, de circo, vacas, bois, ovelhas, galinhas, patos, porcos etc.), a sombra dos grandes *fauves* continuaria ausente. Pareceu-nos que o adjetivo “animalesco” permitiria evitar o risco de uma conotação da ordem da docilidade, da domesticação, da domaço. Tivemos também a ideia de empregar os dois adjetivos ao mesmo tempo: “cheiro animalesco, selvagem”.

Mas “animalesco” conota também selvageria (animal ou não), brutalidade, até mesmo crueldade – humanas, claro (HOUAISS, 2009; CALDAS, 2020). Isso não poderia contaminar a tradução, da mesma forma que a ferocidade de “fera” influenciava “você cheira a fera”? Demos conta de que, além disso, “animalesco” era uma duplicata de “selvagem”, mas adicionalmente com a contaminação da brutalidade.

Eliminamos “animalesco” e fixamos nossa escolha em “animal” seguido de “selvagem”: “cheiro animal, selvagem”, um odor de selvagem animalidade. É nossa escolha: “você tem cheiro animal, selvagem”.

Algumas reflexões à guisa de conclusão

No presente artigo, nos debruçamos sobre a expressão *vous sentez le fauve* e sua tradução em português, processo que estudamos pela perspectiva das dificuldades que foram aparecendo.

O relato que fizemos aqui é uma síntese de nosso percurso de pesquisa. O risco das sínteses *a posteriori* é dar a impressão de que o caminho percorrido foi previamente antecipado, calculado, que o encadeamento apresentado aqui seguiu um plano pré-definido. Talvez a nossa não escape a esse perigo. Se for o caso, avisamos desde já que nosso percurso não foi nem linear nem desprovido de imprevistos. Certamente, dispúnhamos de diversos instrumentos de navegação e buscamos proceder com método, lógica, rigor, baseando-nos em nosso conhecimento das técnicas de tradução e em nossa experiência acumulada. Mas nossa progressão foi longa, tortuosa, cheia de dúvidas, de hesitações, de marchas e contramarchas, de decisões e contradecisões. Não é raro ser assim em tradução, sobretudo quando o texto o impõe. Foi assim, no que nos concerne, para traduzir a expressão *vous sentez le fauve*, que aparece na réplica de Madame(-Cl.), na página 22 de *Les Bonnes* (GENET, 1947).

Voltemos às dificuldades. De que ordem eram elas: de compreensão e/ou de tradução?

Por ser uma locução idiomática semicristalizada, de uso figurado, *sentir le fauve* pode não ter um sentido transparente (ou não totalmente) para um destinatário (ou receptor) não francófono e pode lhe causar problemas de compreensão. O mesmo vale para *odeur fauve*, sintagma nominal cristalizado que lhe corresponde. Mas como os dois são lexicalizados em *Petit Robert* (2009), *Larousse en ligne* (2020) e TLFi (1994), não é difícil acessar essas definições de seu significado. Entretanto, o grau de precisão das definições de dicionário é variável, elas não são sempre contextualizadas (ou o são pouco). A compreensão da rede de significações da expressão em questão pode ser apenas aproximativa. Contudo, para traduzir, a compreensão deve ser a mais exata e precisa possível – em contexto!

Outrossim, a conotação tanto da locução quanto do sintagma pode, como vimos acima (e as informações do dicionário TLFi foram vitais nessa questão), variar extremamente, assumir colorações opostas, em função do prisma sob o qual o contexto as coloca: a locução e o sintagma possuem um abertíssimo leque polissêmico de conotações, sendo o contexto que determina de qual conotação se trata, que desambigua a locução, o sintagma. Um destinatário

(receptor, leitor) pode, por consequência, ter dificuldades para se situar com precisão nessa *polissemia de conotações*, sobretudo se é tradutor e *a fortiori* se não é francófono – dificuldades de compreensão, de precisão na compreensão, de compreensão fina. E principalmente dificuldades para compreender que, no caso da conotação, é o contexto que a gera, a define, ou seja, ela não é gravada na locução, não lhe é inerente, não sendo explicitada na locução.

A etapa seguinte é a da tradução, a mais difícil. Não vamos voltar à deambulação que fizemos: nem às quatro tentações que se apresentaram, nem às quatro locuções brasileiras que descartamos, tampouco às tentativas de encontrar um animal específico ou um coletivo que pudesse traduzir *fauve* ou, antes, dar conta do *odeur fauve*. Vamos, abaixo, nos limitar a traçar quatro linhas de conduta que nos esforçamos para seguir durante o processo de tradução, mas que talvez não tenhamos evidenciado suficientemente em nossa exposição.

Primeira linha de conduta: não fazer com que as personagens pronunciassem palavras em língua portuguesa cujo equivalente em língua francesa não aparece nos diálogos de Genet (por exemplo, usar gíria, palavrões ou *vous puez*).

Segunda: não explicitar o não dito, o implícito; tampouco não amplificar aquilo que não é amplificado no texto-fonte, nem cair no contrário, a tradução redutora.

Terceira: composta por três unidades linguísticas, *sentir le fauve* constitui um conjunto lexical, uma unidade lexical, uma expressão semicristalizada, uma locução idiomática, a qual é assentada em uma imagem, um sentido figurado. Existe também *odeur fauve* (ter, exalar, emanar um odor desse tipo), sintagma corrente, cristalizado. Era, portanto, importante tentar encontrar, em português, uma locução. Ou, na sua inexistência, um sintagma corrente. Ou, se necessário, criar uma locução ou sintagma que, de preferência, fosse, também, assentada em ou derivada (por extensão) de um sentido figurado, que remetesse a um cheiro animal (um *odeur fauve*), que possuísse, se possível, uma ampla polissemia e pudesse funcionar como equivalente tão adequado quanto possível da locução.

A quarta linha de conduta, nós a descobrimos no curso da deambulação, após deixarmos atrás de nós diversas tentativas infrutíferas: não devíamos nos fixar no animal *fauve*, em um animal ou sua família, mas no cheiro *fauve*. Já sabíamos disso, mas não tínhamos verdadeiramente tomado consciência em toda a sua dimensão. Um pequeno detalhe nos ajudou decisivamente: a decisão de abandonar a busca por um substantivo (portanto, por um animal, uma família, um lugar) para irmos à procura de um adjetivo (ou de dois).



Uma restrição a essas quatro linhas de conduta: não são leis de ferro. São válidas, úteis, necessárias, salvo... salvo (já o dissemos) na impossibilidade de aplicá-las, salvo em última solução, na ausência de outras alternativas.

Mas o ensinamento que decorre da quarta linha de conduta é uma lei de ferro: é a velha lição de que traduzir não consiste em verter palavras, mas enunciados, mensagens, ideias – todo mundo sabe! –, esforçando-se para conservar as equivalências semânticas, estilísticas, expressivas, os elementos (ou dimensões) culturais, o dito e o não dito (ver acima) etc.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Daniele Azambuja de Borba Cunha: Conceitualização, Análise formal, Investigação, Escrita - rascunho original. Robert Ponge: Conceitualização, Análise formal, Investigação, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

- AULETE, F.; VALENTE, A. *Dicionário online Caldas Aulete*. São Paulo: Lexikon Editora Digital, 2019. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/> Acesso em: 15 jun. 2021.
- CUNHA, D. Une analyse de la présence du double dans *Les Bonnes* de Genet. Porto Alegre : UFRGS, 2010.
- CUNHA, D.; PONGE, R. Les homonymes "bonne" (substantif) et "bonne" (adjectif). Mendoza, 2017. Disponível em: <https://bdigital.uncu.edu.ar/10094>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- CUNHA, D. ; PONGE, R. « Fais ta biche » (Genet) : quand la connotation devient une difficulté concrète de compréhension et de traduction en portugais du Brésil. *Synergies Brésil* v. 14-15, 2019-2020. Disponível em: <https://gerflint.fr/synergies-bresil>. No prelo.
- DAF8, 1935. DAF9, 1992. Dictionnaire de l'Académie française. Disponível em: <https://www.dictionnaire-academie.fr/>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5^ª edição. Curitiba: Positivo, 2010.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. CD-ROM. 1^ª edição. Rio de Janeiro: Obejtiva, 2009.
- Dicionário online Michaelis*. São Paulo: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/> Acesso em: 20 out. 2020.



- DIAS, R. A. As dificuldades de comunicação e tradução do FLE e os falsos amigos. Porto Alegre : UFRGS, 2007.
- DUBOIS, J. *et alii*. *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*. (1^{ère} éd. : 1994). Paris : Larousse, coll. « Les Grands dictionnaires », 2002.
- ECO, U. *Dire presque la même chose*. Traduction de Myriem Bouzaher. Paris : Grasset, 2007.
- GENET, J. 1947. *Les Bonnes*. Paris: Gallimard, «Folio», 2007.
- GENET, J. *As criadas*. Traduction de Luísa Neto Jorge. Lisboa: Presença, 1972.
- GENET, J. *As criadas*. Traduction de Francisco Pontes de Paula Lima. 1974. Disponível em: <https://oficinadeteatro.com/conteudotextos-pecas-etc/pecas-de-teatro/viewdownload/5-pecas-diversas/117-as-criadas>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. 2^e édition. Traduit de l'anglais par Nicolas Rwet. Paris : Seuil, coll. « Points », 1970.
- Larousse dictionnaire de français*. Dictionnaire en ligne. Paris : Larousse, 2018. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- LE FUR, D. (dir.). « Préface ». In : Idem. *Dictionnaire des synonymes, nuances et contraires*. Paris : Le Robert-SEJER, 2005, p. V-IX.
- MOUNIN, G. « Traduction ». In : MARTINET, A. (Dir.). *Linguistique : guide alphabétique*. Paris : Denoël, coll. « Médiations », 1972. p. 375-379.
- MOUNIN, G. (dir.). *Dictionnaire de la linguistique*. Paris : Presses universitaires de France, 1974.
- NASCIMENTO, T. ; PONGE, R. Quelques réflexions sur le traitement des difficultés de compréhension et/ou de traduction du français, avec trois exemples: « balade », « toit » et « parade ». *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, 2020. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1971>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- Robert*, CD-ROM. Paris : Le Robert, 2009.
- ROSA, J. G. *Estas histórias*. 6^e édition. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2013.
- SILVA, G. Um estudo dos idiomatismos: de suas características ao seu caráter de dificuldade de compreensão e tradução do francês para o português. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- STANGHERLIN, V. As dificuldades de compreensão e/ou tradução do francês: considerações sobre a designação dos usos ditos metafóricos. Porto Alegre: UFRGS, 2018.
- TLFi: Trésor de la langue française informatisé*. Nancy: CNRTL, 1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>. Acesso em: 20 jun. 2021.